



Bernardo
Pires de Lima

PUTINLÂNDIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVI

ÍNDICE

Abertura	9
I: ABSOLUT PUTIN	13
II: ENTRE MUNDOS	25
II: A DOENÇA EUROPEIA	75
IV: ABRAM ALAS AO PUTIN	129
Fecho	155
Glossário	159
Agradecimentos	167

© 2016, Bernardo Pires de Lima
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Putinlândia*
Autor: Bernardo Pires de Lima
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2016

ISBN 978-989-671-319-5
Depósito Legal n.º 409768/16

Aos meus filhos, Tomás e Luísa

ABERTURA

A cena passa-se no Norte da Rússia, junto à costa do Mar de Barents, à entrada do Ártico, e é uma das mais marcantes do genial *Leviathan* (2014), o premiado filme do russo Andrey Zvyagintsev. No meio de uma trama que expõe a pequena corrupção endémica, o autoritarismo arbitrário, a aspereza das relações, a omnipresença religiosa e a mitificação das lideranças na Rússia actual, um grupo de amigos junta-se para um piquenique acompanhado de uma sessão de tiro a uns quantos alvos improvisados: retratos de antigos líderes soviéticos, entre eles Lenine, Brezhnev e Gorbatchov. Às tantas, um dos convivas pergunta: «Alguém tem um alvo mais recente?» A resposta veio de imediato: «É demasiado cedo para os actuais. Ainda não temos suficiente perspectiva histórica.» É verdade: tempo e distanciamento podem favorecer a avaliação política, mas também contribuir para desvalorizar o momento crítico que atravessamos na Europa. Um dos meus objectivos neste livro é precisamente não cair nesse erro.

Putinlândia não é um livro sobre a história da Rússia e o seu lugar na Europa. A Rússia, tal como a Turquia, faz parte da história da Europa desde o tempo dos principados, passando pelos impérios, pelos Estados-nação e acabando nos modelos de integração actuais. Para o bem e para o mal, Moscovo esteve sempre ligada

à evolução histórica da Europa, e vai continuar a estar, como tão bem explica José Milhazes em *Rússia e Europa: uma parte do todo* (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015). A sua afirmação geopolítica é na Europa, mesmo que a sua astúcia estratégica continue de olho nas oportunidades e ameaças vindas da Ásia.

Putinlândia, contudo, também não é um livro sobre o lugar da Rússia no mundo. É, isso sim, um livro sobre um regime, a que chamo putinocracia, no qual a Rússia mergulhou ao som do eterno lamento de que o caos estará ao virar da esquina aquando do ocaso do seu criador. É, se quiserem, um livro que expõe o perfil e a ascensão ao poder de Vladimir Putin, traçando os pilares do putinismo e questionando os termos de um projecto de galvanização imperial entre a Europa e o Médio Oriente, visto como a garantia de eternização do regime. A pergunta provocadora subjacente é: estaremos a caminho de uma Putinlândia?

Não faltam sinais de que a resposta seja afirmativa. A agressividade na Ucrânia formou a antecâmara de um projecto mais alargado de esvaziamento dos modelos democráticos europeus em simultâneo com a ascensão do autoritarismo de Estado moldado por líderes populistas, revisionistas e inflexíveis diante do pluralismo interno. Dentro deste projecto, importa perceber os meios e os objectivos do putinismo, os quais passam pela criação de uma rede partidária maioritariamente radicalizada à direita, xenófoba, antiglobalização, defensora da Europa fortaleza e do protecçãoismo económico, profundamente hostil à União Europeia e à NATO, e admiradora do exercício de poder de Vladimir Putin. Por outras palavras, estamos na presença do confronto entre a democracia liberal ocidental enquanto modelo que garante a pluralidade e as liberdades a que estamos habituados, e um autoritarismo iliberal que usa o expediente eleitoral

para se rotular como uma democracia, legitimando-se no quadro europeu.

O putinismo não é nem liberal nos seus termos nem democrático na sua génese. Assenta num modelo de Estado que subverte a separação de poderes, despreza a pluralidade política, renega a diversidade cultural, religiosa e social, e actua nas relações internacionais como se vivesse no século XIX. A sua intervenção na Ucrânia, nos quadros partidários de vários países da União Europeia e na guerra síria compõem o esqueleto deste exercício analítico de dezassete ensaios trabalhados a partir de textos publicados nos últimos dois anos no *Diário de Notícias* e na revista *LER*, além de outros escritos de raiz.

Uma coisa é certa: independentemente do equilíbrio analítico que procuro manter, o momento absolutamente crítico que as democracias europeias atravessam não se compadece com qualquer exercício destemperado de branqueamento político, desvalorização de condutas, menosprezo de ameaças, negligência interpretativa e desmazelo estratégico. Critico quem considero alvo de crítica e elogio quem penso merecer o elogio, quer seja o líder de um país da União Europeia, mais à esquerda ou mais à direita, quer seja o próprio Putin ou alguém da sua corte de regime. Nesta história não há só anjos, certamente, mas há uns mais demónios do que outros.

Ao mesmo tempo que acompanha a actualidade política internacional, este livro é também um alerta para o nosso futuro enquanto comunidade política democrática e plural. O sonho de uma Putinlândia representaria a sua mais do que certa capitulação.

I

ABSOLUT PUTIN

GLOSSÁRIO

Siglas

AfD: Alternative für Deutschland / Alternativa para a Alemanha	FMI: Fundo Monetário Internacional
AKP: Adalet ve Kalkınma Partisi / Partido da Justiça e do Desenvolvimento (Turquia)	FPÖ: Freiheitliche Partei Österreichs / Partido da Liberdade da Áustria
ANEL: Anexartitoi Ellines / Gregos Independentes	FSB: Federal'naya sluzhba bezopasnosti Rossiyskoy Federatsii / Serviço Federal de Segurança (Rússia)
BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul	HDP: Halkların Demokratik Partisi / Partido Democrático dos Povos (Turquia)
CDU: Christlich Demokratische Union Deutschlands / União Democrata-Cristã (Alemanha)	IRA: Irish Republican Army / Exército Republicano Irlandês
CHP: Cumhuriyet Halk Partisi / Partido Republicano do Povo (Turquia)	ISIS: Islamic State of Iraq and Syria / Estado Islâmico do Iraque e da Síria
CSU: Christlich-Soziale Union in Bayern / União Social-Cristã na Baviera (Alemanha)	KGB: Komitet gosudarstvennoy bezopasnosti / Comité de Segurança do Estado (União Soviética)
DPP: Dansk Folkeparti / Partido Popular Dinamarquês	NATO: North Atlantic Treaty
ETA: Euskadi Ta Askatasuna / Pátria Basca e Liberdade	

Stuermer, Michael: Professor e historiador alemão.

Tolstoi, Lev: Escritor russo nascido em 1828. Autor, entre outros, de *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*.

Trump, Donald: Empresário norte-americano e candidato presidencial pelo Partido Republicano em 2016.

Tsipras, Alexis: Primeiro-ministro da Grécia desde 2015.

Tusk, Donald: Presidente do Conselho Europeu desde 2014.

Tymoshenko, Yulia: Primeira-ministra da Ucrânia entre 2007 e 2010.

Varoufakis, Yanis: Ministro das Finanças da Grécia em 2015.

Wilders, Geert: Líder do Partido da Liberdade (Holanda) desde 2006.

Zarqawi, Abu Musab al-: Terrorista jordano, fundador e líder da Al-Qaeda no Iraque entre 2004 e 2006.

Zvyagintsev, Andrey: Realizador russo e autor do filme *Leviathan*.

AGRADECIMENTOS

À Bárbara Bulhosa, sempre à Bárbara Bulhosa, pelo respeito que tem pelo meu trabalho e por me contagiar com a sua garra.

Ao Bruno Vieira Amaral e ao Francisco José Viegas, pela oportunidade que me deram para publicar na revista *LER*.

Ao André Macedo, por acreditar que nunca como hoje fez tanto sentido interpretar o mundo de forma crítica, livre e em permanência. É o que tento fazer, há quase seis anos, três vezes por semana no *Diário de Notícias*.

A todos os académicos, jornalistas, diplomatas, militares, empresários e artistas com quem me tenho cruzado pela Europa fora, em seminários, em discussões avulsas e em conversas francas. Um especial agradecimento aos meus amigos russos e ucranianos.

E à Marta, pela infinita paciência, compreensão e por aguentar o barco sempre que é preciso.

